

Valores familiares dos estudantes finalistas da Universidade do Algarve

SOFIA FREIRE (*)

O presente estudo faz parte de um projecto mais global, cujo objectivo foi comparar os valores sociais defendidos pelos jovens estudantes da Universidade do Algarve e respectivos progenitores e, ainda, com os valores defendidos pelos estudantes de outras universidades do país¹. Optou-se por apresentar, neste artigo, os valores familiares defendidos pelos estudantes finalistas, em 1996/1997, da Universidade do Algarve.

Este artigo encontra-se dividido em quatro partes. Na primeira parte irá discutir-se os aspectos teóricos e metodológicos subjacentes à escolha deste objecto de estudo – valores familiares defendidos pelos estudantes finalistas. De seguida, apresentar-se-á a metodologia utilizada. Numa terceira parte irá apresentar-se os resultados obtidos e, posteriormente a sua discussão.

1. PORQUÊ ESTUDAR VALORES FAMILIARES?

Segundo Inglehart (1990) a mudança em termos de valores é gradual, faz-se segundo uma escala intergeracional e só é visível, entre duas

gerações próximas, em domínios que sofreram grandes mudanças. A família constitui um desses domínios.

De acordo com Roussel (1992), os anos 70 foram marcados por uma série de acontecimentos que permitiram a praticabilidade de uma série de expectativas que já se vinham a desenhar nos últimos anos. Segundo este autor, o aumento da esperança de vida, a diminuição da taxa de natalidade e a maior escolarização das mulheres tiveram grandes repercussões na estrutura e organização da família.

O aumento da esperança de vida tornou possível a coexistência de quatro gerações numa família, obrigando à modificação das relações intergeracionais. Também o desenvolvimento de meios contraceptivos, mais eficazes e infalíveis, permitiu o controlo dos nascimentos no casamento. Deste modo, a família nuclear passou a ser constituída por um ou dois filhos e a família alargada também sofreu uma diminuição acentuada – decrescendo o número de primos e de tios, os quais, segundo o autor, podem ter um papel importante na socialização das crianças e dos jovens, por permitirem limitar a dependência afectiva aos pais e relativizar a sua influência. Por último, a escolarização das mulheres e a sua entrada no mundo do trabalho contribuíram, também, para a redefinição de novos papéis e de novas áreas de responsabilidade na família e para o aparecimento de novas expectativas.

Para além disso, este autor refere ainda que a

(*) Instituto Superior D. Afonso III, Loulé.

¹ Tese de dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e Psicopatologia pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

flexibilização das leis e a possibilidade de divórcio, tornando o casamento reversível, tiveram consequências qualitativas muito importantes na concepção da família. Segundo palavras do autor, «as relações familiares, e em especial as conjugais, deixaram de ser definidas pelas instituições para passarem a ser reguladas por pactos» – instituição referindo-se a uma «norma pública que se impõe aos indivíduos» e pacto a um «acordo privado entre particulares» (p. 168).

De acordo com Mendes, Pereira e Pinto (1994) houve uma mudança, nos últimos anos, no modelo familiar português. Assim, em termos de composição, a família portuguesa passou a ter uma dimensão muito reduzida. Em 1991, grande parte da família portuguesa era constituída essencialmente pelo casal sem filhos (26% das famílias recenseadas em 1991) ou pelo casal e um filho (24% das famílias recenseadas em 1991). Para além disso, 12% das famílias eram famílias monoparentais e 14% eram famílias constituídas por uma só pessoa.

Mas, de acordo com estes autores, não foi só a nível da composição familiar que ocorreram mudanças – estas ocorreram, também, a nível da formação e da dissolução da família. Houve uma diminuição da taxa de nupcialidade e o aumento do número de nascimentos fora do casamento. Houve uma diminuição da taxa de fecundidade e o retardamento do nascimento do primeiro filho. E, por último, as taxas referentes ao divórcio aumentaram, tendo diminuído a idade em que este ocorre.

Para além disso, as funções do casamento também se modificaram. Tradicionalmente o casamento marcava o início da vida conjugal e da vida sexual e era o passo que precedia a reprodução biológica e social. Actualmente, os jovens têm relações sexuais previamente ao casamento, o número de uniões de facto está a subir e o início do matrimónio não coincide obrigatoriamente com o nascimento do primeiro filho, que está a ser cada vez mais retardado.

1.1. *Porquê estudar estudantes finalistas?*

Segundo Figueiredo (1988), a educação e a formação académicas constituem dois processos importantes de socialização que são fundamentais para o desenvolvimento de novos valores. De acordo com Keniston (1965, citado em

Sprinthall & Collins, 1988/1994) a experiência universitária origina no jovem um novo conjunto de experiências psicológicas e sociológicas que o afastam dos adolescentes do secundário. Este autor refere, nomeadamente, que a diminuição dos contactos com os pais (em particular, no caso dos estudantes que saíram de casa para frequentarem o ensino superior) gera uma atmosfera propícia para o aparecimento de novos valores. Com efeito, algumas investigações que se têm feito com estudantes universitários põem em evidência que estes sofrem grandes mudanças estruturais, quer a nível intelectual, quer a nível moral e dos valores (Sprinthall & Collins, 1988/1994).

Por outro lado, inúmeros estudos realizados na área da autonomia de valores (Figueiredo, 1985, 1988, 1992) indicam que os jovens só no início da vintena passam, claramente, a preferir e a assumir ideais extra-familiares. É que, de acordo com Figueiredo (1988), a possibilidade de optar por valores diferentes e/ou conflituais em relação aos progenitores implica a aquisição de certas capacidades psicológicas, tais como, capacidade de autonomia, de desautorização e de desidealização psicológica, as quais vão sendo adquiridas progressivamente e, de um modo geral, até ao início dos vinte anos. Assim, a escolha de finalistas universitários justifica-se pela possibilidade de se encontrarem estudantes com idades superiores a 20 anos e, logo, potencialmente capazes de defender valores diferentes dos pais.

2. METODOLOGIA

2.1. *Definição da amostra*

A amostra de estudantes foi obtida a partir da população de estudantes através da técnica de amostragem aleatória. A amostra recolhida representa 21% da população, e apresenta, de acordo com o método proposto por Vockell (1983), um intervalo de confiança de 5%.

A amostra global de estudantes é constituída por 296 elementos, dos quais 158 pertencem ao sexo feminino (53,4%) e 138 ao sexo masculino (46,6%). A média de idades para a amostra global é de 23,0 anos, sendo de 22,9 anos para a

amostra das raparigas e de 23,1 anos para a amostra dos rapazes.

Verificou-se que 120 (41,2%) estudantes eram naturais do Algarve e que 171 (58,8%) eram provenientes de outras regiões do país. Para além disso, verificou-se que a maior parte (92,9%) dos jovens inquiridos era solteira e que uma grande parte vivia com um companheiro ou com outros jovens (45,9%). Cerca de metade dos jovens (44,5%) ainda vivia, na altura da realização do inquérito, com os seus progenitores e a maior parte ainda dependia financeiramente dos pais (62,3%).

Os progenitores dos alunos inquiridos pertencem em grande parte (31,8%) à categoria profissional *empregado de escritório; operário; funcionário; trabalhador agrícola por conta de outrem* e sensivelmente metade (50,7%) têm o ensino primário completo. Apenas 21,8% tem o ensino técnico ou o ensino superior.

2.2. Apresentação do instrumento de pesquisa

O presente estudo teve como ponto de partida o estudo realizado por Figueiredo (1988), através do qual se pretendeu captar a mutação de valores na sociedade portuguesa e analisar esses valores segundo uma perspectiva do conflito de gerações.

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário constituído por 46 perguntas relativas aos valores dominantes na cultura ocidental – valores relacionados com a família, trabalho, justiça, igualdade, liberdade, paz, nacionalidade,

etc. (Figueiredo, 1988). Muito embora, se tenha optado por manter a estrutura do questionário e grande parte das questões por forma a tornar possível uma comparação do presente trabalho com o trabalho realizado por Figueiredo (1988), sentiu-se a necessidade de introduzir algumas alterações, dada a mudança do contexto cultural, social e político nos últimos 10 anos.

2.3. Análise dos dados

Cada uma das questões e grupos de questões foram analisados em termos de frequência de respostas. Para além da análise global da amostra, procurou-se, ainda, fazer uma análise comparativa entre sexos, para o que se recorreu à análise de significância com o objectivo de determinar se as diferenças obtidas nas respostas eram (ou não) significativas do ponto de vista estatístico. Para tal, utilizou-se o Teste Qui-Quadrado (χ^2).

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1. Aspectos mais importantes na vida de uma pessoa

Com esta questão pretendia-se que os inquiridos ordenassem por ordem decrescente de importância cinco dimensões: amor, relações com a família, satisfação com o trabalho profissional, relação com colegas e amigos e bem-estar inte-

QUADRO 1
Aspectos mais importantes na vida de uma pessoa

Aspectos mais importantes na vida de uma pessoa	Opção escolhida em 1.º lugar (%)	2.º lugar (%)	3.º lugar (%)	4.º lugar (%)	5.º Lugar (%)
Amor	7,3	26,8	30,1	22,0	13,9
Relações com a família	13,9	48,1	25,1	11,2	1,7
Relações com colegas e amigos	0,4	4,9	24,4	34,8	35,5
Satisfação com o trabalho profissional	0,7	8,4	15,3	30,0	46,0
Bem-estar interior	77,8	11,8	5,2	2,4	2,8

rior. Note-se que o facto de uma destas opções ser escolhida em último lugar não significa que não tem nenhuma importância para os jovens, mas apenas que tem menos importância do que as outras opções em jogo.

A análise das respostas revelou que estes estudantes optam, preferencialmente, por valores mais pessoais. É assim que o aspecto mais importante na vida dos jovens é o bem estar interior (77,8% escolhe esta opção em primeiro lugar). Depois do bem-estar interior estes jovens valorizam as relações com a família (48,1% escolhe esta opção em segundo lugar) e o amor (opção escolhida por 30,1% dos estudantes em terceiro lugar). A satisfação com o trabalho profissional (5.^a opção para 46,0% dos estudantes) e as relações com colegas e amigos (5.^a opção para 35,5% dos jovens) são as opções escolhidas em último lugar (ver Quadro 1).

Ao proceder-se à análise comparativa entre sexos, verificou-se que a relação com a família é um aspecto mais valorizado pelas raparigas do que pelos rapazes ($p < 0.05$). É assim que 56,2% das raparigas escolheu esta opção em segundo lugar contra 38,8% dos rapazes. Para todas as outras opções não se observaram diferenças significativas.

3.2. Experiências sexuais pré-matrimoniais no rapaz e na rapariga

Uma grande parte dos estudante (50,6%) considera que as experiências sexuais pré-matrimoniais são, no caso dos rapazes, uma experiência útil. Apenas, 10,0% dos estudantes qualifica este tipo de experiências como perigosa ou re-

preensível. Este mesmo padrão de resposta foi encontrado no que diz respeito às experiências sexuais pré-matrimoniais das raparigas: grande parte dos estudantes considera-a, com efeito, como uma experiência útil (44,1%) e sem gravidade (36,8%).

A análise comparativa entre sexos revela, no entanto, algumas diferenças subtis. Com efeito, a amostra de rapazes parece ser mais discriminatória do que a das raparigas, tal como se pode observar no Quadro 2. É assim que os rapazes qualificam, de uma maneira geral, as experiências pré-matrimoniais nos rapazes como mais positivas (úteis) e, nas raparigas, como mais perigosas.

3.3. Finalidades do casamento

Os sujeitos inquiridos tinham, nesta questão, que ordenar mais uma vez uma série de opções alternativas. Assim, verificou-se que as duas opções mais escolhidas pelos jovens foram a *realização entre os cônjuges* e o *auxílio mútuo entre os esposos*, tal como se pode observar no Quadro 3. Para além disso, a *procriação e educação dos filhos* enquanto finalidade do casamento foi sobretudo escolhida em terceiro lugar e a opção *meio de satisfação das necessidades sexuais* em último lugar.

Constatou-se, ainda, que os rapazes e as raparigas diferem significativamente ($p < 0.05$), no que diz respeito a algumas das alternativas. Assim, de uma maneira geral, verificou-se que as raparigas dão mais importância do que os rapazes ao *auxílio mútuo entre os esposos* e que os rapazes valorizam mais a *realização entre os*

QUADRO 2
Experiências sexuais pré-matrimoniais

Como considera as experiências sexuais pré-matrimoniais?	Respostas dos rapazes (%)	
1. perigosas	no caso dos rapazes	3,7
	no caso das raparigas	11,4
2. úteis	no caso dos rapazes	56,6
	no caso das raparigas	42,9

QUADRO 3
Finalidades do casamento

Finalidades do casamento	Opção escolhida em 1.º lugar (%)	2.º lugar (%)	3.º lugar (%)	4.º lugar (%)
Realização entre os cônjuges	49,1	26,0	15,2	8,3
Auxílio mútuo entre os esposos	40,0	36,7	11,6	10,2
Procriação e educação dos filhos	4,4	24,7	44,4	25,1
Meio de satisfação das necessidades sexuais	5,7	10,7	26,3	53,4

QUADRO 4
Procriação e educação dos filhos enquanto finalidade do casamento

Procriação e educação dos filhos	Respostas dos rapazes	Respostas das raparigas
Opção escolhida em 1.º lugar (%)	5,2	3,5
2.º lugar (%)	32,8	17,0
3.º lugar (%)	41,8	46,8
4.º lugar (%)	17,2	32,6

cônjuges. Para além disso, constatou-se que, muito embora grande parte dos rapazes e das raparigas considere que a *procriação e educação dos filhos* é a terceira finalidade mais importante do casamento, mais rapazes do que raparigas escolhem-na como segunda finalidade do casamento e mais raparigas do que rapazes escolhem-na como a finalidade menos importante do casamento, tal como se pode observar no Quadro 4.

3.4. *Factores determinantes para o bom entendimento do casal*

No que diz respeito aos factores mais importantes para o bom entendimento do casal, verificou-se que os estudantes escolhem, primordialmente, a opção *ter os mesmos ideais*, tal como se pode observar no Quadro 5.

3.5. *Divórcio*

Constatou-se que a grande maioria dos estudantes inquiridos concorda com o divórcio, em

caso de desarmonia conjugal (72,2%), ou simplesmente enquanto expressão da liberdade humana (15,7%). Apenas uma minoria (6,4%) discorda com o divórcio, apelando para razões como, favorecer a infidelidade conjugal, tornar o casamento num ensaio ou ainda prejudicar a educação dos filhos.

3.6. *Planeamento familiar*

No que diz a esta questão, constatou-se que grande parte dos estudantes encara o planeamento familiar como um meio lícito de planificação da família que lhes permite escolher as condições mais favoráveis à procriação e educação dos filhos. Apenas 8,8% dos estudantes justifica a necessidade do planeamento familiar com base, apenas, em motivos de saúde ou económicos e sociais.

Apesar de concordarem com o planeamento familiar, a análise comparativa entre sexos revela algumas diferenças importantes entre os dois grupos de estudantes, diferenças essas que são

QUADRO 5
Factores mais importantes para o bom entendimento do casal

Factores mais importantes para o bom entendimento do casal	Respostas dos estudantes (% sobre o total de respostas)
1. Nível de instrução semelhante	17,9
2. Educação no mesmo meio	5,4
3. Ideais semelhantes	40,2
4. Atitudes religiosas semelhantes	2,7
5. Feitios e gostos semelhantes	27,7

QUADRO 6
Razões para o planeamento familiar

Razões para o planeamento familiar	Respostas dos rapazes (%)	Respostas das raparigas (%)
Prática lícita dadas as condições de super-povoamento do mundo	26,8	24,1
Prática lícita, apenas em face de certas condições económicas, sociais ou de saúde	13,8	4,4
Prática lícita desde que ambos os cônjuges estejam de acordo	9,4	11,4
Prática que traduz uma atitude de egoísmo social	1,5	0,6
Prática lícita pois permite escolher as melhores condições de procriação e educação dos filhos	45,7	59,5

estatisticamente significativas ($p < 0.05$). Assim, verificou-se que a maior parte das raparigas (59,5%) coloca a ênfase na possibilidade de poder proporcionar melhores condições de procriação e de educação aos filhos, assim como, grande parte dos rapazes (45,7%). Contudo, é de referir que 13,8% dos rapazes considera que esta é uma prática lícita desde que seja justificada pela existência de certas circunstâncias – de saúde, económicas ou sociais e que apenas 4,4% das raparigas defende esta posição (ver Quadro 6).

3.7. Ensino pré-primário

O ensino pré-escolar é um aspecto bastante valorizado pelos jovens. Com efeito, 61,8% dos estudantes inquiridos considera que a frequência do ensino pré-escolar é útil, muito embora só após os três anos de idade, pois até essa idade a

família é considerada como o melhor meio educativo para a criança. Para além disso, 31,8% dos estudantes considera que a frequência do ensino pré-escolar é essencial desde a idade de um ano pelo convívio que proporciona com as outras crianças e pelos benefícios que daí advêm, como se pode observar no Quadro 7.

Tal como se pode observar no Quadro 7, existem diferenças significativas ($p < 0.05$) na amostra dos estudantes. Assim, mais raparigas concordam com a frequência do ensino pré-escolar em crianças com um ano de idade. Para além disso, mais rapazes (8,0%) do que raparigas (5,1%) acham que a criança deve ficar em casa com a família até chegar a idade de ir para a primária e mais rapazes (67,4%) do que raparigas (57,0%) considera ser benéfico a frequência do jardim de infância a partir dos três anos de idade.

QUADRO 7

Educação pré-escolar?	Amostra total de estudantes	Rapazes	Raparigas
Sim, a partir dos 6 anos	6,4	8,0	5,0
Sim, a partir de 1 ano	31,8	24,6	38,0
Sim, entre os 3 e os 6 anos	61,8	67,4	57,0

3.8. Trabalho feminino

Quando questionados sobre o trabalho feminino verificou-se que 87,0% dos jovens acha que a mulher deve ter um emprego tal como o homem. Apenas, 7,9% dos jovens impõe como condição ao emprego da mulher a existência de compatibilidade entre o horário de trabalho e o horário familiar.

Ao proceder à análise entre os sexos, verifica-se, no entanto, que são sobretudo os rapazes que impõem a condição de compatibilidade de horários ao trabalho feminino ($p < 0.05$). Assim, 13,8% dos rapazes defende que a mulher casada só deve empregar-se se arranjar um trabalho cujo horário seja compatível com o horário familiar, mas só 2,6% das raparigas defende esta posição. Para além disso, verificou-se que há mais raparigas (92,2%) do que rapazes (81,2%) a defenderem que a mulher deve ter um emprego durante toda a vida tal como o homem.

3.9. Com quem escolheriam viver os jovens?

A maior parte dos estudantes (58,6%) acha que os jovens, a partir dos 17-18 anos, escolheriam naturalmente viver com outros jovens ou escolheriam viver sozinhos (27,5%). Apenas 10,2% dos estudantes inquiridos respondeu que os jovens gostariam de continuar a viver, a partir dos 17-18 anos, em casa dos pais.

4. DISCUSSÃO DOS DADOS E CONCLUSÃO

É interessante verificar como numa altura em que persiste a ideia vulgarizada de que a instituição familiar se encontra ultrapassada (Félix, 1994), a família assume um lugar preponderante na vida destes jovens, sendo o segundo aspecto

que consideram mais importante (acima deste, só o bem-estar interior).

Segundo Fernandes (1994) as avaliações contraditórias que se fazem acerca da família e da sua importância resultam de dois pontos de vista distintos. Por um lado, existe toda uma série de indicadores estatísticos que apontam no sentido do esboroamento da família – os casamentos fazem-se mais tarde, o número de divórcios encontra-se a aumentar, o número de filhos por casal a diminuir, etc. Por outro lado, inúmeros inquéritos têm revelado que a família continua a ter uma posição central em termos de valores e representações sociais. Este autor explica esta contradição referindo que a par de todas as mudanças que estão a ocorrer nas sociedades ocidentais actuais, também a instituição familiar se encontra a sofrer mudanças estruturais. Para além disso, a família já não é entendida da mesma forma que pelas gerações anteriores, continuando a ocupar, no entanto, um lugar importante no sistema de valores dos indivíduos.

Como é, então, entendida a família pelos jovens universitários do Algarve?

Como já foi referido, a família constitui um aspecto fundamental na vida destes jovens. Num época marcada pelas dificuldades de obtenção de habitação e de inserção no mercado de trabalho, pela precarização das relações sociais – marcadas pela competitividade, pelo distanciamento, pela instrumentalização, não é de todo inesperado que, também nestes jovens, se observe o «retorno» à família.

Almeida (1986), tendo em conta os resultados obtidos no inquérito «Valores e atitudes nos jovens», considera que a família assume grande importância para os jovens, que a encaram fundamentalmente como um espaço de segurança afectiva. Do mesmo modo, os resultados obtidos no inquérito «Juventude portuguesa: situações,

problemas, aspirações», indicam que a família é encarada pelos jovens do 15 aos 29 anos como fonte de sustento, assim como, espaço de partilha, de proximidade e de entre-ajuda (Ferreira, 1993).

No presente inquérito não existe informação directa que nos permita descobrir que aspectos estão na base desta valorização da família, nem tão pouco se os jovens se estão a referir à família de origem ou, pelo contrário, à família de orientação. Contudo, alguns dados podem fornecer pistas importantes. Por um lado, sabemos que para uma grande parte destes jovens, a família é a primeira fonte de sustento e que grande parte ainda vive com os pais. Na sua maior parte, estes acham, no entanto, que a partir dos 17-18 anos os jovens prefeririam viver com outros jovens ou sós. Estes dados sugerem, pois, que a dependência económica pode ser um factor importante de valorização da família. Contudo, não nos dizem nada sobre o nível de satisfação com a vida familiar e sobre o tipo de apoio que aí procuram. Para além disso, como é que estes jovens concebem a família?

A família é entendida por estes jovens como uma espaço de realização pessoal, que promove o crescimento, a autonomia, o bem-estar interior. Nela, homem e mulher são iguais nos seus papéis e nas suas funções, constituindo a partilha de ideais um factor importante de bom entendimento entre o casal. A grande finalidade do casamento é promover a realização entre o cônjuge, logo, este pode ser dissolvido quando deixar de cumprir essa finalidade.

Encontram-se patentes, entre estes jovens, os novos valores da família. O casamento surge dissociado da procriação e educação dos filhos e já não coincide com o início do relacionamento sexual. Com efeito, a grande maioria considera o planeamento familiar um meio lícito de controlo da natalidade de acordo com as condições ou disponibilidade do casal. Para além disso, as relações sexuais pré-matrimoniais são amplamente aceites entre os jovens: a grande maioria encaras como úteis ou sem gravidade, isto quer para o caso das raparigas, quer para o caso dos rapazes.

Ao comparar os jovens do sexo masculino com aqueles do sexo feminino no que diz respeito aos valores familiares defendidos por uns e outros, encontram-se algumas diferenças subtis que são importantes considerar.

Em primeiro lugar, a procriação e educação dos filhos constitui um aspecto mais investido pelos jovens do sexo masculino. Estes consideram-no, mais do que as raparigas, como uma das principais finalidades do casamento; muito embora, considerem que a principal finalidade do casamento seja a realização dos cônjuges (e as raparigas, o auxílio mútuo entre os esposos).

O menor investimento que as jovens do sexo feminino fazem na procriação e educação dos filhos parece ter que ver com uma orientação clara para a vida activa e para a carreira profissional. Com efeito, estas jovens estudantes consideram, mais do que os rapazes, que a mulher deve ter um emprego durante toda a vida, tal como o homem. (Neste ponto importa referir que uma proporção maior de rapazes defende que a mulher casada só deve empregar-se se arranjar um trabalho cujo horário seja compatível com o horário familiar). Relacionado com este aspecto, está o facto das raparigas defenderem, mais do que os rapazes, que as crianças devem ir desde muito cedo para o jardim infantil e atribuírem mais importância do que os rapazes ao planeamento familiar enquanto forma de escolher as melhores condições de procriação e educação dos filhos.

Assim, parece que são, sobretudo, as raparigas que constituem o motor da mudança a nível dos valores acerca da família. Estas defendem, mais claramente do que os rapazes, a liberalização da vida sexual, a orientação para a vida profissional e a conciliação de papéis familiares (mãe/esposa) com os papéis profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. N. (1986). Perspectivas dos jovens sobre a família e o casamento – notas críticas. *Análise Social*, 22 (90), 157-164.
- Félix, A. B. (1994). *Traços da família portuguesa*. Lisboa: Direcção Geral da Família.
- Fernandes, A. F. (1994). Dinâmicas familiares no mundo actual: harmonias e conflitos. *Análise Social*, 29 (129), 1149-1191.
- Ferreira, P. A. (1993). *Valores nos jovens portugueses nos anos 80*. Lisboa: ICS/Instituto da Juventude, Cadernos do ICS, Estudos da Juventude.
- Figueiredo, E. (1985a). *No Reino de Xantum – Os jovens e o conflito de gerações*. Porto: Edições Afrontamento.

- Figueiredo, E. (1985b). Mudança, valores e conflito de gerações em Portugal. *Análise Social*, 21 (87-89), 1005-1020.
- Figueiredo, E. (1988). *Portugal: os próximos 20 anos. Conflito de gerações – conflito de valores* (vol. 2). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Figueiredo, E., & Silva, L. F. (1992). As gerações e os valores nos universitários e respectivos pais. *Psicologia*, 8 (3), 339-344.
- Freire, S. (1998). *Valores sociais em estudantes universitários da Universidade do Algarve e respectivos progenitores*. Tese de Mestrado (não publicada), Lisboa.
- Inglehart, R. (1990). *Culture shift in advanced industrial society*. New Jersey: Princeton University Press.
- Mendes, M. F., Pereira, P. T., & Pinto, J. E. (1994). *A família portuguesa – linha de reflexão no ano internacional da família*. Lisboa: Direcção Geral da Família.
- Roussel, L. (1992). O futuro da família. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 11, 165-179.
- Sprinthall, N., & Collins, W. (1994). *Psicologia do adolescente*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Trabalho original em inglês publicado em 1988).

RESUMO

Numa altura em que a família se encontra a sofrer grandes alterações, quer em termos da sua estrutura quer em termos da sua concepção, parece constituir matéria importante de estudo, a maneira como os jovens a concebem. Assim, vai-se apresentar, neste artigo, os valores familiares defendidos pelos estudantes finalistas, em 1995/1996, da Universidade do Algarve. O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário constituído por 46 perguntas relativas aos valores

dominantes na cultura ocidental - valores relacionados com a família, trabalho, justiça, igualdade, liberdade, paz, nacionalidade, etc. (Figueiredo, 1988). Os resultados obtidos demonstram que a família assume um lugar preponderante na vida destes jovens e que estes defendem os novos valores da família. Esta é entendida por estes jovens como uma espaço de realização pessoal, que promove o crescimento, a autonomia, o bem-estar interior. Para além disso, o casamento surge dissociado da procriação e educação dos filhos e já não coincide com o início do relacionamento sexual. Por último, os cônjuges surgem com deveres e direitos idênticos.

Palavras-chave: Valores, família, mudança, inquérito, estudantes.

ABSTRACT

It is generally accepted that the family is going through important structural and conceptual changes. But how do the young people perceive the family? This seems to be an important question that should be answered. As such, one is going to present the family values sustained by the students from the University of Algarve. A questionnaire with 46 questions concerning the dominating values in western society was used (Figueiredo, 1988). The results show that these students experience the family as a very important issue in their lives and that they support the new family values. The family is seen as a tool to promote self-fulfillment. Besides, marriage and procreation are dissociated from each other and sex life does not begin with marriage. Finally, both husband and wife, have identical rights and duties.

Key words: Social values, family, change, inquiry, students.